

## PREFÁCIO

A “*Avaliação dos Primeiros Três Anos de Clínicas da Família na Cidade do Rio de Janeiro*” coordenada pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, traz importante evidência científica que ratifica a decisão da Prefeitura do Rio de Janeiro em investir no Saúde da Família como modelo para a efetivação do Sistema Único de Saúde.

Partindo de uma cobertura populacional de 3,7%, com *equipes de Atenção Primária em Saúde (APS)* completas em dezembro de 2008, obteve-se a maior ampliação entre as capitais do País, com um acréscimo absoluto de quase 640 equipes, passando dos 3,7% para 40,1% de cobertura, com médicos de família, enfermeiros, técnicos de enfermagem, cirurgiões-dentistas, técnicos de saúde bucal, todas com agentes comunitários de saúde e agentes de vigilância em saúde.

O trabalho combinou diversas metodologias que se complementaram, com destaque para a aplicação do instrumento *PCATool-Brasil* validado internacionalmente por Bárbara Starfield na versão para profissionais de saúde. Como bem registram os autores, a proposta ainda não está consolidada, e precisa ainda, avançar mais, especialmente nos atributos de acesso e longitudinalidade na coordenação do cuidado.

As conclusões da equipe da pesquisa são diretas e claras no sentido de acelerar o processo da reforma até se atingir, tal como previsto no planejamento Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro 2013-2016, os 70% de cobertura populacional com *Clínicas da Família*, fortalecendo e monitorando a “carteira de serviços da atenção básica” que oferece uma lista ampliada de ações e serviços ofertados pelas Equipes de Saúde da Família, alocar todo o conjunto de oferta de consultas/procedimentos de atenção especializada no sistema oficial de regulação, garantir a formação de bons profissionais, especialmente em programas de residência.

A verdadeira revolução na qualidade da atenção primária em apenas três anos, apontada na pesquisa em suas conclusões, é o destaque nas unidades de saúde chamadas de “tipo A”, ou seja, aquelas em que apenas o Saúde da Família é o modelo existente (quando comparadas as unidades “tipo B”, que possuem Saúde da Família e o modelo programático de atendimento em ações programáticas, e “tipo C”, que não trabalham com Saúde da Família).



O olhar acadêmico é passo importante na construção de políticas públicas, seja ratificando-as ou retificando-as, nesse sentido essa pesquisa registra a visão da comunidade científica sobre o tema.

Aproveite a leitura!

Gerson Oliveira Penna  
Médico, Doutor em Medicina Tropical  
Núcleo de Medicina Tropical  
Universidade de Brasília  
Ex Secretário de Vigilância em Saúde - Ministério da Saúde

